

# VOLUNTARIADO

## Os estímulos que animam os cristãos a servirem

Renato Gabriel Sotero

Graduado, Faculdade Vitória em Cristo, RJ

ELISEU FERNANDES GONÇALVES

Mestre, Faculdade Vitória em Cristo, RJ

RONALDO DE JESUS ALVES

Mestre, Faculdade Vitória em Cristo, RJ

YOHANS DE OLIVEIRA ESTEVES

Doutor, Faculdade Vitória em Cristo, RJ

**Resumo:** Tendo em vista a necessidade de descobrir as motivações que levam o cristão ao engajamento com o trabalho voluntário, desenvolve-se uma pesquisa bibliográfica, a fim de descobrir as influências que impulsionam tais indivíduos a determinado fim. Para tanto, o referencial teórico deste estudo concentra-se na análise dos estímulos que motivam os cristãos a se engajarem no serviço voluntário abordando os fundamentos teológicos que embasam o voluntariado dentro das igrejas, as motivações pessoais dos voluntários, os benefícios sociais do serviço voluntário e os desafios enfrentados pelos cristãos ao se envolverem em



atividades de voluntariado. O desenvolvimento do serviço voluntário demonstra suas origens nas atividades assistencialistas da Igreja Evangélica. As características gerais do voluntariado são definidas pelo exercício de atividades, geralmente de cunho social, por pessoas dispostas a doar seu tempo, talento e, na maioria das vezes, recursos. E, toda essa entrega, geralmente, fundamentada em desprovemento de interesses financeiros ou ganhos materiais, compelidos por solidariedade, compaixão, responsabilidade social e amor ao próximo. Enfim, os motivos a prática do voluntariado, surgem de uma consciência baseada na vida de Cristo e nos seus mandamentos, associados a sentimentos de autorrealização, altruísmo, solidariedade, compaixão e responsabilidade social.

**Palavras-chave:** Voluntário. Motivação. Fé Cristã.

**Abstract:** Bearing in mind the need to discover the motivations that lead Christians to engage in voluntary work, bibliographical research was developed in order to discover the influences that drive such individuals to a certain end. To this end, the theoretical framework of this study focuses on the analysis of the stimuli that motivate Christians to engage in voluntary service, addressing the theological foundations that support volunteering within churches, the personal motivations of volunteers, the social benefits of voluntary service and the challenges faced by Christians when engaging in volunteering activities. The development of voluntary service demonstrates its origins in the welfare activities of the Evangelical Church. The general characteristics of volunteering are defined by the exercise of activities, generally of a social nature, by people willing to donate their time, talent and, in most cases, resources. And, all this dedication is generally based on a lack of financial interests or material gains, compelled by solidarity, compassion, social responsibility and love



for others. Finally, the reasons for volunteering arise from an awareness based on the life of Christ and his commandments, associated with feelings of self-realization, altruism, solidarity, compassion and social responsibility.

**Key-words:** Voluntary. Motivation. Christian Faith.

## 1 INTRODUÇÃO

O voluntariado é um pilar fundamental nas igrejas, sendo um reflexo do altruísmo e da solidariedade do ser humano. No contexto cristão, o serviço voluntário deve ser especialmente valorizado, pois é visto como uma expressão concreta do amor ao próximo e é uma vivência dos ensinamentos que Jesus Cristo deixou para os cristãos. Este estudo, concentra-se, portanto, na análise dos estímulos que motivam os cristãos a se engajarem no serviço voluntário.

Abordaremos os fundamentos teológicos que embasam o voluntariado dentro das igrejas, as motivações pessoais dos voluntários, os benefícios sociais do serviço voluntário e os desafios enfrentados pelos cristãos ao se envolverem em atividades de voluntariado. O escopo do estudo incluirá uma análise qualitativa das experiências individuais dos voluntários cristãos, bem como uma revisão da literatura teológica e sociológica relevante sobre o tema.

E, considerando a relevância do voluntariado como expressão de serviço e solidariedade nas igrejas, surge a seguinte questão de pesquisa: Quais são os principais estímulos que motivam os cristãos a se engajarem em atividades voluntárias e como esses estímulos influenciam seu comportamento com o serviço ao próximo? Esta questão visa compreender os fatores internos e externos que impulsionam os cristãos a dedicarem seu tempo, suas habilidades e muitas vezes seus recursos



financeiros em prol dos necessitados, bem como investigar os efeitos desse engajamento tanto para os voluntários quanto para igrejas em que estão inseridos. O estudo sobre os estímulos que motivam os cristãos a se envolverem em atividades voluntárias é de suma importância por diversas razões.

Primeiro, o voluntariado é uma prática essencial nas igrejas, refletindo os princípios de amor, compaixão e serviço ao próximo que são fundamentais na fé cristã. Segundo compreender os fatores que animam os cristãos a servirem não apenas enriquece nosso conhecimento sobre o papel das crenças religiosas na formação de comportamentos altruístas, mas também contribui para o desenvolvimento de estratégias eficazes de engajamento comunitário e promoção do bem-estar social.

Por esta razão, nosso objetivo é investigar os estímulos por trás do voluntariado cristão. Ou seja, realizar uma análise abrangente dos estímulos que motivam os cristãos a se envolverem em atividades voluntárias, explorando os fundamentos teológicos, as motivações pessoais, os benefícios sociais e os desafios enfrentados por esses voluntários. Enfim, com o objetivo específico sobre “Voluntariado: Os estímulos que animam os cristãos a servirem”, iremos analisar os fundamentos teológicos do voluntariado cristão; Investigar as motivações pessoais dos voluntários cristãos; a) Avaliar os benefícios sociais do serviço voluntário nas comunidades cristãs; b) Identificar os desafios enfrentados pelos voluntários cristãos; c) Examinar estratégias de recrutamento e retenção de voluntários nas igrejas, e ; d) Avaliar o papel das igrejas na promoção e apoio ao voluntariado; E, propor recomendações para fortalecer e aprimorar o voluntariado cristão.

## 2 TRABALHO VOLUNTÁRIO: ETIMOLOGIA, CONCEITO E



## DESENVOLVIMENTO NAS IGREJAS

Imagine, por um momento, uma comunidade vibrante, onde cada gesto de ajuda é como uma semente lançada ao vento. Essa é a essência do trabalho voluntário: uma força invisível, mas poderosa, que conecta pessoas pela pura vontade de servir. Mas, de onde vem o impulso de ajudar? Se formos buscar na raiz da palavra "voluntário", segundo o dicionário Houaiss da Língua Portuguesa (2021) e o Oxford English Dictionary – OED (2019), encontramos o latim "voluntarius", derivado de "voluntas" — "vontade". Parece simples, não é? Mas, veja bem, essa "vontade" não é apenas o desejo passageiro de fazer algo por alguém. É aquela chama que arde dentro de nós, o impulso quase instintivo de estender a mão, de fazer mais pelo outro sem esperar algo em troca.

Nas igrejas, essa chama se acende desde os tempos mais remotos, inspirada por um mandamento que ressoa como um eco profundo através dos séculos: "Ame o próximo como a ti mesmo" (Mt 22.39). E esse amor ao próximo, mais do que um ideal, é uma missão. A ideia de que todos somos guardiões uns dos outros, responsáveis pelo bem-estar coletivo, brota naturalmente da fé.

Mas o que é, afinal, o trabalho voluntário? Pense em uma teia delicada que vai sendo tecida aos poucos, com cada fio representando um ato de bondade. Esse trabalho, por definição, é algo que nasce da livre escolha. Não há pagamento, não há compensação financeira, mas há um tesouro intangível: a satisfação de transformar vidas, de fazer parte de algo maior (Almeida, 2017). Concordando, o ser humano é um ser criativo e produtivo, sendo o trabalho um exercício social. Desta feita, o resultado do seu labor extrapola a questão do suprimento das necessidades primárias e assume um caráter libertados no contexto social.

Os seres humanos, desde os caçadores da era paleolítica aos



fazendeiros, artesãos medievais, operários da linha de montagem do século XX, profissionais da área técnico-científica informacional de hoje, têm no trabalho parte fundamental de sua existência, de sua razão de viver. (ARAÚJO e SACHUK, 2007, p. 54).

Quando olhamos, então, para o voluntariado através das lentes da fé, ele ganha ainda mais profundidade. Nas igrejas, ser voluntário é mais do que uma atividade; é uma prática espiritual. É o evangelho em ação, a fé sendo vivida não apenas em palavras, mas em atitudes concretas. O ato de servir é, na verdade, um reflexo direto do amor que se prega nos púlpitos, como uma ponte que une o céu e a terra. Quer ver um exemplo? Lembra-se daquela passagem bíblica em que Jesus lava os pés de seus discípulos? Não há melhor imagem para ilustrar o voluntariado nas igrejas.

É o serviço humilde, despretensioso, que coloca as necessidades dos outros à frente das nossas. Aqui, o líder se torna servo e, nessa inversão dos papéis, encontramos o verdadeiro sentido de servir. Agora, vamos caminhar um pouco pela história. Desde que as primeiras comunidades cristãs se reuniram, o trabalho voluntário já estava lá, pulsando como o coração dessas igrejas. Era como uma corrente subterrânea de amor e cuidado. Os primeiros cristãos partilhavam o que tinham, cuidavam dos órfãos e viúvas, alimentavam os famintos. Tudo isso sem que ninguém precisasse pedir. Era simplesmente o jeito natural de ser igreja.

Com o passar dos séculos, essa cultura de serviço só cresceu. Durante a Idade Média, as ordens religiosas – pense nos franciscanos, por exemplo, levaram a sério o chamado ao cuidado do próximo. Monges e freiras dedicavam suas vidas a cuidar dos doentes, ensinar os pobres e oferecer abrigo aos desamparados. Era como se cada ato de caridade fosse uma prece silenciosa, elevando-se ao céu junto com suas orações.

Desde os primeiros séculos da Igreja, os mosteiros serviram não só como centros de espiritualidade, mas também como refúgios para os pobres, hospitais para os doentes e lugares de acolhimento para os desabrigados. As ordens monásticas, especialmente durante a



Idade Média, tornaram-se pilares do serviço social, dedicando-se ao cuidado dos mais vulneráveis da sociedade, oferecendo não apenas cuidados materiais, mas também conforto espiritual. (GONZÁLEZ, 2014, p. 231).

Na atualidade, o voluntariado nas igrejas é tão vital quanto era naquela época. Só que agora ele ganhou novas formas, e até novas ferramentas. Quem poderia imaginar, por exemplo, que a internet se tornaria um aliado nesse campo? Organizações religiosas criam plataformas, campanhas virtuais, e conseguem mobilizar milhares de pessoas em questão de minutos para arrecadar doações, ajudar em desastres ou levar comida aos necessitados. É a tradição se reinventando, sem perder seu espírito original.

Mas o coração do voluntariado nas igrejas ainda é o mesmo: a doação do tempo e do talento de cada um. Pessoas comuns se tornam extraordinárias quando, juntas, abraçam uma causa. Elas vão desde pequenas ações, como a organização de feiras de caridade ou a distribuição de cestas básicas, até missões internacionais, onde a fé é levada a quem mais precisa, seja por palavras, seja por atos.

E qual é o impacto de tudo isso? Além de transformar comunidades, o trabalho voluntário tem um efeito surpreendente sobre aqueles que o praticam. É como um círculo virtuoso: quanto mais você doa, mais recebe em retorno — não em dinheiro, claro, mas em senso de propósito, em alegria interior. Muitos dizem que o voluntariado nas igrejas os faz sentir mais próximos de Deus, como se cada ato de serviço fosse uma conversa silenciosa com o divino.

E não para por aí. Dentro das igrejas, o trabalho voluntário é uma ferramenta poderosa de construção de comunidade. Ele une as pessoas, fortalece os laços entre os membros e, muitas vezes, ajuda a identificar líderes que, mais tarde, assumirão funções maiores. É como se o serviço



voluntário fosse uma escola para a alma, moldando aqueles que, com o tempo, guiarão outros no caminho da fé

O trabalho voluntário nas igrejas é mais do que uma ação altruísta; é uma expressão viva e pulsante da fé. Enfim, desde sua origem etimológica, passando por sua consolidação como um ato de amor ao próximo, ele se entrelaça com a vida religiosa de uma maneira profunda e transformadora. Seja em pequenas comunidades ou em missões globais, essa prática continua a ser um pilar central nas igrejas, um reflexo tangível da esperança e da compaixão que elas pregam. Ao fim do dia, o trabalho voluntário é a maneira como a fé toca o mundo, como as palavras se transformam em ação e como, juntos, podemos fazer a diferença.

## **2.1 Trabalho voluntário e relações trabalhistas no Brasil**

Conclui-se que, uma relação trabalhista é aquela que se caracteriza quando uma pessoa presta serviço para outra pessoa ou empresa, envolvendo a promessa de retorno financeiro. A relação de emprego é um tipo de relação trabalhista peculiarmente caracterizada pela subordinação daquele que presta o serviço. (Veneziano, 2009). Segundo este autor, relação de trabalho e relação de emprego se distinguem sendo, respectivamente, a primeira, uma classificação geral de toda forma de contratação e a segunda, uma classe específica de relação trabalhista, onde voga a característica da subordinação.

Dentre as relações trabalhistas, estão inclusas todas as modalidades de contratação, incluindo as vedadas por lei, a saber: trabalho infantil, forçado ou análogo à escravidão. Bem como, os devidamente regulados pelo ordenamento jurídico brasileiro, a saber: autônomo, profissional liberal, freelancer, empresário, voluntário. Para efeitos dessa atividade acadêmica, será visto com mais detalhes, o trabalho voluntário (Veneziano, 2009).





### 2.1.1 Voluntário

Segundo (Jaeger, 2016), o trabalho voluntário é aquele onde o indivíduo se disponibiliza a exercer uma atividade sem objetivar qualquer recompensa financeira. O ser humano nutre em seu coração a vontade de ser um fator de mudança para o mundo (Hybels, 2005). Desta feita, o voluntário se dispõe, automotivado, a servir espontaneamente àqueles que estiverem ao seu alcance. A motivação de servir voluntariamente está ligada à valores intrínsecos ao indivíduo que se disponibiliza à obra voluntária (Cavalcante, Souza e Mól, 2015).

Na perspectiva cristã, conforme (Cavalcante, Gomes et al., 2013) a ação voluntária tem o sentido de dádiva, de oferecimento. O Apóstolo Paulo escrevendo sua primeira carta à Igreja grega na cidade de Corinto declarou que “[...] se há prontidão, a contribuição é aceitável de acordo com aquilo que alguém tem, e não de acordo com o que não tem.” 2 Coríntios 8:12 (Arterburn, Luck E Wendorff, 2010, p. 1326).

A pessoa presta os seus serviços (de maneira integral ou parcial) de forma livre, sem receber dinheiro ou qualquer outra forma de remuneração em troca. Em geral, esse tipo de trabalho é prestado para instituições sem fins lucrativos, Igrejas, ONGs ou organizações que apoiam alguma causa social.

Atividades não remunerada, prestada por pessoa física a entidade pública de qualquer natureza, ou a instituição privada de fins não lucrativos, que tenha objetivos cívicos, culturais, educacionais, científicos, recreativos ou de assistência social, inclusive mutualidade (...). O serviço voluntário não gera vínculo empregatício, nem obrigação de natureza trabalhista previdenciária ou afim (BRASIL, 1998).

No Brasil, o trabalho voluntário é uma atividade estipulada em lei tendo até uma data comemorativa, 28 de agosto, o Dia nacional do Voluntariado, definida pela Lei nº 7.352 de 1985. Porém, a participação da



população brasileira em ações de voluntariado ainda é pequena, se for comparada a outros países. O voluntariado no Brasil, segundo (Cavalcante, Souza e Mól, 2015), ainda está muito ligado à ideia de caridade e, por isso, muito atrelado a grupos religiosos, sendo os cristãos, aqueles que estão mais engajados em atividades voluntárias.

### **3. O TRABALHO VOLUNTÁRIO, SUAS CARACTERÍSTICAS GERAIS E UMA ABORDAGEM HISTÓRICA DO CONTEXTO SOCIAL BRASILEIRO**

De acordo com o dicionário Michaelis (2015), voluntariado, “é um conjunto de pessoas que desenvolvem trabalho, geralmente social, por vontade própria, sem remuneração.”, o que aponta para um caráter humanitário do serviço voluntário, que, em muitas ocasiões, é empreendido em prol de pessoas que se encontram em circunstâncias de vulnerabilidade social. Ao ponto que, (Cavalcante, Souza, et al., 2015).

Considera que uma atividade se caracteriza como voluntária, quando não há ganhos materiais ou lucro, e mesmo que haja ressarcimento de despesas como transporte ou alimentação, os custos daquele que está envolvido com o trabalho tem que ser maiores do que qualquer benefício recebido. Concorda-se então, que para ser um voluntário, deve haver uma predisposição para oferecer, sem contrapartidas, aquilo que se dispõe a fazer. É possível discernir então, que há disposição de vontade no indivíduo que se propõe ao exercício da voluntariedade.

Conclui-se, portanto, que uma das primeiras características do voluntariado é a automotivação, porque parte da própria pessoa a vontade de exercer uma atividade sem expectativa de ganho ou lucro e com predisposição para, inclusive, gastar os próprios recursos para fazer tal coisa. A prática do voluntariado, tanto no Brasil quanto no restante do mundo, está marcada por altruísmo, solidariedade e valores morais,



geralmente influenciados por questões religiosas, analisa (Cavalcante, Souza e Mól, 2015).

Mas acrescenta haver também no voluntário, em algumas ocasiões, interesse particular em adquirir novas experiências e até um sentimento de responsabilidade pessoal no assunto. Conforme visto até então, há várias características comuns presentes no indivíduo que se disponibiliza a prestar um serviço de forma voluntária, a saber: altruísmo, liberalidade, solidariedade, prontidão de vontade, valores morais e princípios religiosos.

Segundo o dicionário Priberam da Língua Portuguesa (2018), altruísmo é a “inclinação para procurarmos obter o bem ao próximo”. Quanto a palavra solidariedade, o Michaelis (2015), dentre tantas definições, explica ser “um sentimento de amor ou compaixão pelos necessitados ou injustiçados, que impele o indivíduo a prestar-lhes ajuda moral”.

Por outro lado, leva-se em consideração o fato de que muitos que se voluntariam para realizar alguma atividade de cunho social, o fazem por interesses pessoais relacionados com seu próprio crescimento, seja na perspectiva do amadurecimento pessoal ou profissional, como explica (Garay, 2008). A atividade voluntária demanda um custo por parte do indivíduo que se envolve com ela. Para tanto, o sentimento voluntário impulsiona aquele que se dispõe a servir seu semelhante, sem considerar questões materiais, nem para o lucro, nem para o prejuízo.

Segundo o professor Inácio Strieder (1982), na perspectiva teológica, toda a atividade humana, seja para sustento próprio ou realizada em prol do bem estar alheio, coopera para a realização do plano de Deus na história. Desta forma, é possível compreender o valor da obra voluntária pelo seu potencial transformador para a sociedade. Visto que, seu exercício quase sempre é de caráter assistencial e caritativo, o trabalho voluntário



constitui-se de um valor moral muito necessário para sociedade contemporânea, o amor ao próximo.

Segundo Marinho, o voluntário é automotivado e não consolida seu nível de compromisso com a obra que realiza visando remuneração, por isto, “os níveis de profissionalismo do voluntariado estão para além da lógica mercantil que subordina nossas competências a um salário” (MARINHO, 2011, p. 2), pois o envolvimento da pessoa está vinculado as suas intenções quanto à necessidade que será suprida com a doação das suas competências profissionais. Em busca de compreender as motivações que movem o voluntário, (Salazar, Silva e Fantinel, 2015) apontam para o sentimento de autorrealização que surge quando o ser humano enxerga o resultado do seu próprio trabalho.

Considerando a definição de solidariedade, outrora vista neste texto, percebe-se que há um alinhamento com as conclusões de (Jaeger, 2016) e (Cavalcante, Souza e Mól, 2015), onde identificam uma raiz comum para as motivações que incentivam ao trabalho voluntário, valores morais influenciados por questões religiosas.

Todavia, constitui-se num grande desafio apreender totalmente as influências que podem incentivar alguém ao exercício do trabalho voluntário, devido as variadas respostas que cada pessoa pode dar quando questionada sobre suas motivações (Salazar, Silva e Fantinel, 2015). Ver-se então, que o trabalho voluntário no Brasil seguiu com sua trajetória marcada pelo assistencialismo religioso, já que a maioria das entidades filantrópicas eram, no princípio, ligadas à Igreja Católica.

“O surgimento do voluntariado, assim como seu conceito, para Silveira (2002 apud Souza, 2007) aconteceu no século XVI até o século XIX. No Brasil, manteve-se com caráter assistencialista e ligação com entidades religiosas como a Igreja Católica, a fé cristã, a caridade e, sobretudo, o ato de dar sem esperar algo em troca.” (JAEGER, 2016, não paginado).



A prática do serviço voluntário sempre esteve fortemente ligada ao sentido religioso. Autores como Cavalcante, Souza (2015) e Ferrari (2005), identificam uma relação do início do serviço voluntário com a fé, sobretudo a cristã, devido sua forte influência na sociedade ocidental. Em 28 de Agosto, em todo território nacional, o Dia Nacional do Voluntário (Brasil, 1985) é comemorado por empresas que incentivam o envolvimento das pessoas com o fazer-acontecer social.

Há também uma data, 5 de dezembro, estabelecida pela ONU, onde o voluntariado é celebrado internacionalmente (ONU, 2015). No ordenamento jurídico brasileiro, a legislação vigente que regula a atividade voluntária, define em seu primeiro artigo que trabalho voluntário acontece quando uma pessoa física presta serviço a uma entidade pública de qualquer ordem ou instituição privada sem fins lucrativos, sem remuneração ou recompensa financeira (Brasil, 1998).

### **3.1 Histórico do voluntariado no Brasil**

O caráter institucional do voluntariado no Brasil, teve início na gestão de Getúlio Vargas (Jaeger, 2016). No mesmo período, o mundo vivia sob a ótica do Estado de Bem-Estar Social (Costa, 2016), iniciativa capitalista pós-depressão que visava solucionar questões sociais através das políticas de assistência pública financiadas pela contribuição dos setores produtivos. Portanto, no ano de 1942, foi criada a Legião Brasileira de Assistência - LBA, a primeira entidade assistencial de âmbito nacional, como parte do Programa Emergencial de Mobilização do Trabalho Civil, em apoio ao esforço de guerra promovido pelo governo (Barbosa, 2017). A entidade foi responsável, inicialmente, pelo atendimento assistencial às famílias dos convocados para a guerra e, em seguida, pelo atendimento aos setores fragilizados da população, como gestantes, crianças e idosos.



No ano de 1948, no dia 28 de agosto, a primeira-dama do Brasil à época, Darcy Vargas, fundou a Legião Brasileira de Assistência, inicialmente com o propósito de promover o auxílio às famílias dos soldados brasileiros em combate na Segunda Guerra Mundial. A intenção inicial da criação da Legião foi atuar realizando um ajuntamento de todas as frentes de assistência social no país, para atender as famílias dos soldados. A LBA “foi a primeira grande instituição de assistência social a atuar no Brasil, e tem sua gênese marcada pela presença das mulheres e pelo patriotismo” (Barbosa, 2017, p. 25).

O caráter feminino na atividade voluntária no Brasil sempre foi muito forte, desde as freiras que atuavam no trabalho das Santas Casas de Misericórdia às mulheres engajadas na Legião Brasileira de Assistência. O trabalho da LBA foi marcado, desde seu surgimento, pela atuação de voluntários, que se juntaram por boa vontade e responsabilidade para com o próximo. Posteriormente, segundo Cavalcante e Souza, (2015), durante o regime militar, a partir da década de 60, portanto, houve um desencorajamento da participação 23 civis, mas ao término deste, no fim dos anos 80, a sociedade civil passa novamente a associar se, lenta e progressivamente, aos trabalhos sociais.

Foi um momento de reafirmação da sociedade civil e valorização da democracia; surgiram várias organizações e movimentos sociais em consequência de um novo ímpeto, introduzido inicialmente por setores cristãos progressistas e depois por outros setores comprometidos com a democracia, e a mudança social.

Esse ambiente pode permitir maior participação dos cidadãos nas políticas públicas e na criação de Organizações Não Governamentais (ONGs) nas suas comunidades preenchendo os espaços deixados pelo Estado, mesmo que se reconheça que o Estado continua investindo em programas sociais de maneira crescente.” (CAVALCANTE, SOUZA, et al., 2015, p. 524).



Enfim, seja por motivos religiosos, civis, individuais ou grupais, as pessoas engajam-se em atividades voluntárias não apenas para exercitar sua caridade, mas também para exercerem sua cidadania na defesa dos seus direitos e dos outros. A partir da década de 90, novas formas de atuação surgiram, como sinaliza (Figueiredo, 2005), onde organizações não governamentais passam a atuar em questões de desenvolvimento social e na defesa de direitos. Esta mudança foi fundamental para abranger seu campo de atuação, indo além do caráter assistencialista das entidades.

O trabalho voluntário cresceu com maior consciência e um aumento no engajamento de pessoas no serviço voluntário. Outros passos foram dados, inspirados em modelos internacionais, que contribuíram para uma nova forma de voluntariado, que conquistou empresários, entidades ambientais, originando novas modalidades.

### **3.1.1 Um Breve histórico do Voluntariado cristão no Brasil**

O trabalho voluntário cristão no Brasil se adaptou às necessidades de cada época, mantendo a fé e a caridade como pilares. Durante o período colonial, a Igreja Católica, liderada pelos jesuítas, iniciou ações de assistência junto às comunidades indígenas, unindo ajuda e catequese. No século XIX, com a abolição da escravidão e a chegada de imigrantes, surgiram iniciativas como as Santas Casas, enquanto igrejas protestantes estabeleciam escolas e hospitais, ampliando o apoio comunitário.

Na Ditadura Militar (1964-1985), a Teologia da Libertação fortaleceu o cristianismo voltado para a justiça social, com líderes religiosos defendendo direitos humanos e enfrentando injustiças. A partir da década de 1990, o crescimento das igrejas evangélicas trouxe uma nova onda de



voluntariado em favelas e zonas rurais, apoiada por iniciativas como o Programa Voluntários (1996), que consolidou redes de solidariedade.

No século XXI, a prática voluntária cristã seguiu ativa, destacando-se durante a pandemia de COVID-19 em 2020, quando igrejas de diferentes denominações ofereceram apoio às comunidades mais vulneráveis. Hoje, o voluntariado cristão é comparado a um rio que desbrava desigualdades, guiado pelo amor ao próximo e pela disposição de servir onde há necessidade.

#### **4. RAZÕES CRISTÃS PARA A PRÁTICA DO VOLUNTARIADO**

A Bíblia apresenta a Igreja como o corpo de Cristo, composto por membros com funções distintas, funcionando em harmonia sob a direção da cabeça, que é Cristo (1 Coríntios 12.12-27). Louis Berkhof (2012) aponta que Jesus foi o primeiro a usar o termo grego *ekklesia*, traduzido como Igreja, referindo-se à congregação dos que o reconhecem como Senhor e seguem seus mandamentos.

A Igreja pode ser entendida de duas formas: como um corpo místico e invisível, onde cada membro desempenha uma missão específica, ou como um espaço físico de reunião para servir a Cristo e cumprir os estatutos da fé. Essa visão mística conecta-se ao voluntariado, destacando que todos os membros do corpo de Cristo têm algo relevante a oferecer. Por fim, a ideia de ajuntamento dos que creem e obedecem a Jesus reforça que o envolvimento em atividades voluntárias é motivado pela obediência aos mandamentos de Cristo.

“A Igreja universal, mística, composta de todos os crentes de todos os tempos e de todos os lugares. Os quais aceitam Cristo como cabeça. Essa Igreja é considerada como um organismo espiritual que tem Cristo por centro.” (CHAMPLIN, 2013, p. 212)





Ainda, Berkhof declara que a Igreja “denota a totalidade do corpo, no mundo inteiro, daqueles que professam exteriormente a Cristo e se organizam para fins de culto” (2012, p. 512). É a reunião dos seguidores de Cristo, onde pessoas movidas pela fé em suas palavras, se ajuntam para praticarem os ensinamentos do Senhor e se aperfeiçoarem mutuamente, servindo uns aos outros. Por outro lado, Richard J. Sturz (2012) faz uma diferenciação entre a natureza e a identidade da Igreja. Para o autor, natureza é a missão dada por Deus a Igreja, aquilo que ela foi chamada para ser, a ideia de Deus.

E identidade, está relacionado com o palpável, a questão física da Igreja, a historicidade, a vivência das pessoas como membros do corpo de Cristo. Esta última, interage com o tema deste trabalho acadêmico, pois aborda a prática do cristianismo, conforme visto outrora, uma grande influência na história do voluntariado. Desta feita, é possível perceber uma congruência entre os pensamentos dos dois autores citados, pois a natureza da Igreja é ser o corpo místico de Cristo e a sua identidade, o ajuntamento dos crentes para praticarem o cristianismo. Entretanto, evidenciando o aspecto visível e o invisível da Igreja, aquilo que faz diferenciação entre organismo e instituição, se destaca o argumento de Berkhof:

“A igreja como organismo é o coetus fidelium, a união ou comunhão dos fiéis, unidos pelo vínculo do Espírito, enquanto a igreja como instituição é a mater fidelium, a mãe dos fiéis, uma Heilsanstalt, um meio de salvação, uma agência para a conversão dos pecadores e para o aperfeiçoamento dos santos. A igreja como organismo tem existência carismática: nela todos os tipos de dons e talentos tornam-se manifestos e são utilizados na obra do Senhor. A igreja como instituição, por outro lado, existe numa forma institucional e funciona por meio dos ofícios e meios que Deus instituiu. Num sentido, ambas são coordenadas, e, todavia, há também certa subordinação de uma à outra. A igreja como instituição ou organização (mater fidelium) é um meio para um fim, e este fim se acha na igreja como organismo, a comunidade dos crentes (coetus fidelium).” (BERKHOF, 2012, p. 521).



No corpo de Cristo, os membros são aqueles que foram agregados à comunidade cristã pela fé, e assim como no corpo humano, Cristo representa a cabeça, porém há uma distinção entre a Igreja e o corpo, no tocante ao funcionamento voluntário dos membros. Sendo assim, na Igreja, os membros se submetem voluntariamente ao comando da cabeça, assumindo o compromisso de obedecer às suas ordens, contudo, podem da mesma forma, ainda que contrários a Cristo, decidirem não se submeter. Ademais, como vê Champlin (2013), o ato da profissão de fé que agrega uma pessoa à Igreja já é, por si só, uma manifestação voluntária, conseqüentemente, confessar a Cristo como Senhor é uma decisão da vontade do homem. Nas Sagradas Escrituras, o livro de Atos dos Apóstolos apresenta a gênese da Igreja, apresentando suas características basilares, dentre elas está o serviço cristão como manifestação prática da fé, tal qual o comportamento demonstrado pelos primeiros cristãos na Bíblia.

“E era um o coração e a alma da multidão dos que criam, e ninguém dizia que coisa alguma do que possuía era sua própria, mas todas as coisas lhes eram comuns. [...] Não havia, pois, entre eles necessitado algum; porque todos os que possuíam herdades ou casas, vendendo as, traziam o preço do que fora vendido e o depositavam aos pés dos apóstolos” (Atos 4.32,34).

A vontade de servir uns aos outros se manifestava de tal forma despreziosa, que os cristãos vendiam suas propriedades e dedicavam, sob o cuidado dos apóstolos, o recurso amealhado aos que padeciam necessidades. Por esta razão, Sara Hoppen (2007) conclui que o voluntariado é uma expressão de fé do cristianismo, pois através da prática do amor ao próximo, a Igreja auxilia na identificação das carências da sociedade e traz respostas a questões de vulnerabilidades sociais.

No mais, quando um cristão resolve envolver-se com o trabalho voluntário, doa com liberalidade, seu tempo disponível, seus recursos e talentos, em meio a sua agenda particular, para servir ao seu semelhante, na intenção de transformar as suas vidas para melhor. De acordo com Bill



Hybells o voluntário cristão se identifica com um forte desejo de mudar o mundo, onde ele mesmo deve ser o agente de transformação reconhecendo “que Deus está agindo 24 horas por dia, por todo o mundo, enchendo seus seguidores de graça, misericórdia e poder para que reivindicuem, redimam e consertem este planeta falido.” (Hybells, 2005, p. 7).

O cristão se orienta pelas instruções de Jesus que o comissionou a ser sal da terra e luz do mundo, assim, sua conduta deve ser marcada por atitudes significativas, capazes de impactarem para o bem a vida das pessoas com quem convive e se relaciona. Por isso, aquele que segue os passos de Jesus Cristo, acredita que a motivação, inspiração, capacidade e recursos vem do próprio Deus, que os chamou para fazer o bem ao seu semelhante de forma voluntária e despretensiosa.

Mais uma vez, recorre-se ao argumento de Marinho (2011) quando verifica que a motivação no serviço voluntário não está vinculada com ambições monetárias, antes, até mesmo, incentiva a pessoa a investir os próprios recursos naquilo que deseja realizar, sendo isto muito comum naqueles que se engajam na obra de Deus, como tal,

“O apóstolo Paulo sentiu tão fortemente o chamado para ser um voluntário que, em 1 Coríntios 9, fez as pessoas se lembrarem de que ele mesmo era um voluntário. Ele se sustentava fazendo tendas para que pudesse servir como pastor e líder sem se tornar um dreno financeiro para a Igreja.” (HYBELS, 2005, p. 31)

Logo, a experiência vivenciada pela pessoa no primeiro contato com o voluntariado, produz uma sensação incomparável de estar sendo usado por Deus, motivando a permanência e envolvimento com o trabalho voluntário, então, a motivação se fortalece quando o cristão tem sua primeira experiência voluntária., conclui Bill Hybels (2005). Assim, o exercício da voluntariedade produz um sentimento de autorrealização, de dever cumprido diante de Deus, de estar sendo útil para sua comunidade,



para as pessoas que o cercam e o prazer em descobri o propósito para o qual nasceu.

Entretanto, no contexto eclesiástico, se constitui um grande desafio, a gestão da mão de obra voluntária, tendo em vista a diversidade de pessoas e a variedade de situações que podem motivá-las ou não a se voluntariarem, por isso, para Salazar, Silva e Fantinel (2015) e Carvalho, Gomes, (et al., 2013) concordam que são fatores multifacetados que dependem da experiência de cada um.

“Gerir o capital humano não é tarefa fácil. Se por um lado nos impressionamos com o potencial criativo, o talento, a capacidade de resolver problemas e a efetividade das realizações humanas nas diversas áreas em que atua, também nos vemos diante das nuances das complexidades deste ser. Emoções, sentimentos, expectativas, enfim, um conjunto de manifestações revestidas de uma subjetividade ainda não decifrada em sua plenitude.” (ARAÚJO, 2016, p. 42).

Conclui-se então, que quanto mais pessoas decidirem realizar alguma atividade voluntária, maior será a dificuldade daqueles que organizam a realização desta frente de trabalho, pois devido as diferenças entre cada pessoa, pode haver conflitos, e assim prejudicar ou impedir a realização da tarefa. Do mesmo modo, inspirar pessoas a fazerem trabalho voluntário, mesmo as cristãs, é igualmente desafiador, pois manifestas as peculiaridades de cada indivíduo, é possível haver um despertar a consciência social de maneira singular em cada pessoa, como afirmam Salazar, Silva e Fantinel (2015). Por estes fatores, a administração compreende a gestão de pessoas como imprescindível para o sucesso de uma organização, assim afirma Chiavenato, (2014), seja ela com ou sem fins lucrativos, como é o caso das Igrejas. Como a relação de trabalho no voluntariado distingue-se por não haver o vínculo remunerativo, se faz necessário um esforço capaz de incutir este espírito voluntário nas pessoas.



Para John C. Maxwell, a primeira qualidade a ser desenvolvida em qualquer liderança é a influência, sobretudo naqueles que dirigem organizações, onde a mão de obra é essencialmente voluntária. Em um dos seus livros ele diz:

“Em outras organizações, a pessoa que ocupa uma posição tem um poder inacreditável. Nas forças armadas, os líderes podem se valer do posto e, se tudo o mais falhar, jogar as pessoas na cadeia. Nas empresas, os chefes têm um enorme poder na forma de salário, benefícios e privilégios. A maioria dos seguidores é bastante cooperativa quando sua sobrevivência está em jogo. Mas, em organizações voluntárias, o que funciona é liderança em sua forma mais pura: influência. [...]” (MAXWELL, 2007, p. 28).

Portanto, o desafio consiste em gerar a motivação necessária, capaz de impulsionar os membros de uma organização a serem voluntários nas variadas atividades que fazem parte do cotidiano dela. Na Igreja, há uma tendência natural ao trabalho voluntário, pois em todo aquele que crê, existe um senso de gratidão a Deus relativo à sua obra redentora, assim como está escrito no livro dos Salmos: “Que darei eu ao Senhor por todos os benefícios que me tem feito?” (Sl 116:12). Contudo, é necessário ir além do sentimento de gratidão, para que o serviço cristão não se limite apenas ao contexto eclesial, mas seja direcionado a praticar o cristianismo em favor daqueles que estão às margens da sociedade, com explicitados por Jesus (Mt 25.35-36).

#### **4.1 Exemplos práticos de cristãos envolvidos com o voluntariado na igreja brasileira**

Esta pesquisa utiliza exemplos de práticas voluntárias em denominações protestantes no Brasil, destacando iniciativas relevantes. Na Assembleia de Deus Vitória em Cristo (ADVEC), com sede no Rio de Janeiro e filiais no Brasil, Portugal e EUA, realizou-se o Projeto Josué em novembro de 2017, mobilizando cerca de 10.000 voluntários em várias



localidades (Chagas, 2017). Os participantes ofereceram serviços como assistência médica, odontológica, limpeza, pintura e reparos em residências e prédios públicos, beneficiando escolas, postos de saúde e delegacias (Malafaia, 2017).

Outro exemplo é a Missão Calebe, da Igreja Adventista do Sétimo Dia, que desafia jovens a dedicarem suas férias ao serviço voluntário. Desde sua criação, cerca de 180 mil jovens participaram em 8 países da América do Sul, incluindo o Brasil, onde uma única região do norte contou com 30 mil voluntários promovendo bem-estar social (Joe, 2018; Espejo, 2018).

## **5. CONSIDERAÇÕES FINAIS**

O presente trabalho investigou as motivações que levam cristãos a adotar o trabalho voluntário como parte de sua vivência cotidiana. A pesquisa, por meio de análise histórica e bibliográfica, revelou que o voluntariado no Brasil está profundamente ligado à tradição cristã e às causas sociais, destacando sua natureza altruísta, solidária e espiritual. O estudo contextualizou o conceito de trabalho na história brasileira, mostrando sua evolução e como o voluntariado emergiu como prática significativa. O trabalho humano foi entendido como mais que uma atividade prática, sendo uma expressão criativa que promove a interação social e cumpre um propósito divino. Os voluntários foram descritos como pessoas movidas pelo desejo de impactar positivamente o mundo, guiados por valores como compaixão, responsabilidade social e amor ao próximo. No cristianismo, o voluntariado é visto como reflexo do exemplo de Cristo, que inspira o serviço altruísta como um ato de fé.

Apesar dos desafios enfrentados, como mudanças pessoais e falta de bibliografia específica, o estudo confirmou que as motivações cristãs para o voluntariado têm base nos ensinamentos de Cristo e em sentimentos de



compaixão e solidariedade. Também destacou a complexidade de liderar voluntários em organizações, sugerindo pesquisas futuras para desenvolver práticas de gestão eficazes. O trabalho conclui que o voluntariado cristão é uma oferta de amor, onde a recompensa está no impacto positivo gerado na sociedade.

## REFERÊNCIAS

ALTRUÍSMO. In: DICIONÁRIO da língua portuguesa. Lisboa: Priberam Informática, 2018. Disponível em: <http://www.priberam.pt/dlpo/altruismo>. Acesso em: 10 de out. 2024

ADVEC. Igreja da Palavra. Assembleia de Deus Vitória em Cristo. Disponível em: <https://www.advec.org/igreja-da-palavra/>. Acesso em: 28 de ago. 2024. ADVEC. Nossos endereços. Assembleia de Deus Vitória em Cristo. Disponível em: [https://boasvindas.advec.org/filiais?\\_ga](https://boasvindas.advec.org/filiais?_ga) . Acesso em: 10 de nov. 2024.

ALMEIDA, P. P. D. Manual de Sociologia do Trabalho: introdução, conceitos e aprofundamentos. 1ª. ed. [S.l.]: Amazon, 2017.

ARAÚJO, P. R. D. A Bíblia e a Gestão de Pessoas. 4ª. ed. Curitiba: A. D. SANTOS EDITORA, 2016.

ARAÚJO, R. R. D.; SACHUK, M. I. Os sentidos do trabalho e suas implicações na formação dos indivíduos inseridos nas organizações contemporâneas. Revista de Gestão USP, São Paulo, v. 14, n. 1, p. 53-66, janeiro/março 2007. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/rege/article/download/36590/39311>. Acesso em: 28 de ago. 2024.

ARTERBURN, S.; LUCK, K.; WENDORFF, T. BÍBLIA DO HOMEM. Tradução de Daniel Guanaes. 1ª. ed. Santo André: Editora Central Gospel,



2010. 1488 p. BARBOSA, M. T. LEGIÃO BRASILEIRA DE ASSISTÊNCIA (LBA): O PROTAGONISMO FEMININO NAS POLÍTICAS DE ASSISTÊNCIA EM TEMPOS DE GUERRA (1942-1946). 2017. 244 f. Tese (Tese de Doutorado) - Universidade do Federal do Paraná. Curitiba, 2017. Disponível em: <https://acervodigital.ufpr.br/bitstream/handle/1884/48900/R - T - MICHELE TUPICH BARBOSA.pdf?sequence=1&isAllowed=y>. acesso em: 15 de set. 2024. BERKHOF, L. Teologia Sistemática. 4ª. ed. São Paulo: Cultura Cristã, 2012. BRASIL. LEI Nº 7352, DE 28 DE AGOSTO DE 1985. Institui o Dia Nacional do Voluntariado., Brasília, DF, 1985. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/leis/1980-1988/L7352.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/1980-1988/L7352.htm) . Acesso em: 28 de ago. 2024.

BRASIL. LEI Nº 9.608, DE 18 DE FEVEREIRO DE 1998. Dispões sobre o serviço voluntário e dá outras providências., Brasília, DF, fevereiro 1998. Disponível em [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/LEIS/L9608.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/LEIS/L9608.htm). Acesso em: 28 de ago. 2024.

BÍBLIA SAGRADA. Português. Tradução de João Ferreira de Almeida. Revista e Corrigida. 4ª. ed. Barueri, SP: Sociedade Bíblica do Brasil, 2009. CARVALHO, V. D. D.; SOUZA, W. J. D. Pobres no ter, ricos no ser: trabalho voluntário e motivação na Pastoral da Criança. Revista de Administração Contemporânea, Curitiba, PR, v. 11, n. 2, p. 113-134, abril/junho 2007. CAVALCANTE, C. E.; SOUZA, W. J. D.; MÓL, A. L. R. Motivação De Voluntários: Proposição De Um Modelo Teórico. RAM. Revista de Administração Mackenzie, São Paulo, v. 16, n. 1, p. 124-156, janeiro/fevereiro 2015. CHAGAS, T. Projeto Josué, da ADVEC, mobiliza 10 mil voluntários em ações de limpeza, reparos e saúde básica. Gospel Mais, 2017. Disponível em: <https://noticias.gospelmais.com.br/projeto-josue-10-mil-voluntarios-acoes-limpeza-saude-93779.html>. Acesso em: 28 de ago. 2024.





CHAMPLIN, R. N. ENCICLOPÉDIA DE BÍBLIA, TEOLOGIA E FILOSOFIA. 11. ed. São Paulo, SP: Hagnos, v. III, 2013. ISBN: 85-88234-33-5. CHIAVENATO, I. Iniciação a Administração de Recursos Humanos. 4ª. ed. São Paulo: Manole, 2010. CHIAVENATO, I. Introdução à Teoria Geral da Administração. 9ª. ed. São Paulo: Manole, 2014.

COSTA, M. A história do Brasil para quem tem pressa. 1ª. ed. Rio de Janeiro: Editora Valentina, 2016. Disponível em: [https://ler.amazon.com.br/?ref=dbs\\_p\\_ebk\\_r00\\_pbcb\\_rnvc00&encoding=UTF8&asin=B01M0R4TRJ](https://ler.amazon.com.br/?ref=dbs_p_ebk_r00_pbcb_rnvc00&encoding=UTF8&asin=B01M0R4TRJ). Acesso em: 15 de set. 2024.

ESPEJO, M. Missão Calebe envolve 180 mil jovens em projetos sociais. Notícias Adventistas, 2018. Disponível em: <https://noticias.adventistas.org/pt/noticia/evangelismo/missao-calebe-envolve-180-mil-jovens-em-projetos-sociais/>. Acesso em: 10 de out. 2024. FERRARI, J. L. História do Voluntariado no Brasil e no Mundo. Rio de Janeiro: Associação Educacional Dom Bosco. 2005. p. 808-820. GARAY, A. B. S. Prazer e sofrimento no trabalho do voluntário empresarial. Revista de Ciências da Administração, Porto Alegre, RS, v. 10, n. 20, p. 86- 93, Janeiro/Abril 2008. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/adm/article/view/4751>. Acesso em: 18 de out. 2024.

HOPPEN, S. R. O voluntariado e a fé cristã juvenil: observação sobre avanços e retrocessos a partir de casos pesquisados no Colégio Frederico Jorge Logemann em Horizontina - RS. 2007. 70 f. Dissertação (Mestrado em Teologia) - Instituto Ecumênico de Pós-Graduação. São Leopoldo, 2007. Disponível em:

[http://tede.est.edu.br/tede/tde\\_busca/arquivo.php?codArquivo=72](http://tede.est.edu.br/tede/tde_busca/arquivo.php?codArquivo=72). Acesso em: 15 de set. 2024.



HYBELS, B. A REVOLUÇÃO NO VOLUNTARIADO: Por que as pessoas fazem do servir ao próximo sua razão de viver? 1ª. ed. São Paulo: Mundo Cristão, 2005. JAEGER, E. V. TRABALHO VOLUNTÁRIO: Entre conceitos e preceitos de um grupo de indivíduos do Alto Vale do Itajaí. 1. ed. Blumenau, SC: Amazon, 2016. Disponível em: <https://ler.amazon.com.br/?asin=B01MQM2802>. Acesso em: 02 de nov. 2024.

JOE, S. Jovens voluntários revitalizam instituto de câncer no Maranhão. Notícias Adventistas, 2018. Disponível em: <https://noticias.adventistas.org/pt/noticia/projetos-sociais/jovens-voluntarios-revitalizam-instituto-de-cancer-no-maranhao/>. Acesso em: 15 de set. 2024. MALAFAIA, S. L. Pr. Silas Malafaia: Nós podemos fazer. O quê? Rio de Janeiro:

21

[s.n.], 2017. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=tXyEalSuKUK>. Acesso em: 20 de set. 2024.

MARINHO, L. R. D. O. O Voluntariado e suas qualidades diferenciais: um profissional do terceiro setor. 2011. 15 f. TCC (Pós-Graduação) - Universidade Veiga de Almeida, Rio de Janeiro, 2011. Disponível em: <http://www.argilando.org/ARTIGO%20-%20VOLUNTARIADO.pdf>. Acesso em: 18 de out. 2024.

MAXWELL, J. C. As 21 irrefutáveis Leis da Liderança. Rio de Janeiro: Thomas Nelson, 2007.

MINISTÉRIO DO TRABALHO. Carteira de Trabalho e Previdência Social (CTPS). Ministério do Trabalho, 2015. Disponível em:



<http://trabalho.gov.br/carteira-de-trabalho-e-previdencia-social-ctps>.

Acesso em: 18 de out. 2024.

NAÇÕES UNIDAS. ONU celebra Dia Internacional do Voluntário com comemoração no Rio de Janeiro. ONUBR - Nações Unidas no Brasil, 2015. Disponível em: <https://nacoesunidas.org/onu-celebra-dia-internacional-do>

[voluntario-com-comemoracao-no-rio-de-janeiro/](https://nacoesunidas.org/onu-celebra-dia-internacional-do-voluntario-com-comemoracao-no-rio-de-janeiro/). Acesso em: 15 de set. 2024. SALAZAR, K. D. A.; SILVA, A. R. L. D.; FANTINEL, L. D. As relações simbólicas e as motivações no trabalho voluntário. RAM. Revista de Administração Mackenzie, São Paulo, v. 16, n. 3, p. 171-200, maio/junho 2015. ISSN 1678-6971. Disponível em: [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1678-](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1678-69712015000300171&lng=pt&tlng=pt)

[69712015000300171&lng=pt&tlng=pt](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1678-69712015000300171&lng=pt&tlng=pt). Acesso em: 15 de set. 2024. STRIEDER, I. Perspectiva Teológica do Trabalho. Symposium, Recife, p. 27-39, 1982. Disponível em: [http://www.unicap.br/Arte/ler.php?art\\_cod=2949](http://www.unicap.br/Arte/ler.php?art_cod=2949). Acesso em: 15 de set. 2024.

STURZ, R. J. TEOLOGIA SISTEMÁTICA. 1ª. ed. São Paulo, SP: Vida Nova, 2012. UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA MARIA. Legião Brasileira de Assistência (LBA). Acervo Arquivístico da Universidade Federal de Santa Maria. Disponível em: <http://fonte.ufsm.br/index.php/legiao-brasileira-de-assistencia-lba>. Acesso em: 02 de nov. 2024.

